Discurso de Posse
No Instituto do Ceará

Pe. F. Sadoc de Araújo

Senhores Sócios Efetivos do Instituto do Ceará.

Graças a vossa generosa acolhida ao meu pedido de ingresso nesta Casa do Barão de Studart, penetro hoje o aconchego de vossa convivência para mais intimamente usufruir da doçura dos bens culturais que produzis diuturnamente nesta colmeia de estudo e erudição.

Uma vez que me permitistes a entrada, devo pagar o débito da motivação que me impeliu a suplicá-la. É bem verdade que, como sócio correspondente, há vinte anos já me encontrava ligado a esta instituição, mas sempre como hóspede e tal condição não me preenchia os íntimos desejos. Como um mendigo que vos bate à porta, pedi um pouco do vosso abrigo e vós me destes a grande esmola. Recebo-a com o coração feliz e a alma em festa, mas continuarei com a mão estendida, porque aqui sempre precisarei de vossas luzes, vossas lições e vossos livros.

O que me seduziu nesta casa não foi o nome. E digo-vos por quê. Para fins de análise explicativa, distingamos o substantivo "Instituto" e o complemento terminativo "do Ceará".

Instituto é palavra vernácula semanticamente infiel às suas origens e, por isso, não me poderia atrair. Sua raiz etimológica latina traz a significação de plano, projeto, objetivo calculado, tal como a empregaram Cícero (Pro Sestio, 17) e César (De Bello Gallico 1,50), os dois maiores clássicos da literatura do Lácio. Modernamente, o termo é usado com significados extremamente ambíguos, pois se aplica desde às mais conceituadas instituições culturais, e de ensino superior, até aos mais precários institutos de beleza.

O nome é também infiel, porque raríssimo na Bíblia. Na tradução latina de São Jerônimo, conhecida por Vulgata, aparece apenas uma vez e, assim mesmo, em livro deuterocanônico do Antigo Testamento (2 Mac 11, 24). Nessa passagem, os melhores tradutores vertem-na ao português com o sentido de "costume".

O complemento terminativo "do Ceará", tampouco, poder-me-ia atrair. Quem mais do Ceará do que eu? Sou cearense pelo berço, por uma vida inteira de extremado amor dedicado à terra e ao povo e, espero, ser-lo-ei pelo túmulo. Do Ceará são todos meus ascendentes, desde a quinta geração. Sei, mas não sei se porque li ou porque me contaram, que João Brígido, que não era cearense, para expressar seu entranhado amor a esta terra que o acolheu, teria dito: "Pelo Brasil, eu morro. Pelo Ceará, eu mato". Duvido que eu chegasse a tanto, pois não sou partidário da pena de morte, mas vos posso afirmar que amo esta terra tanto ou mais que o grande jornalista.

Se considerarmos, portanto, apenas o nome deste Instituto do Ceará, não vos teria solicitado permissão para entrar. Porém, como aprendi de Heidegger que "a palavra é a casa do ser", entendi que o Instituto é casa, mas o seu ser é o que ele abriga, o que ele faz, o que ele possui. Isto, sim, me atrai e me seduz.

Dentro do nome habita o renome. O nome é a casa, o renome é o ser. O nome só vale enquanto é casa que abriga o renome.

O renome sois vós, Senhores Sócios Efetivos, meus ex-hospedeiros e hoje meus irmãos. O renome é o vosso admirável trabalho desinteressado de pesquisadores e sábios, são os sócios falecidos, galeria de vultos eminentes que honram a cultura e a ciência deste Estado.

Renome é a revista, que há mais de um século circula anualmente sem interrupção. São os livros publicados, as conferências proferidas, as efemérides relembradas, a vigência do patrimônio histórico, o intercâmbio cultural com instituições similares.

Se o nome é Instituto do Ceará, o renome é histórico, geográfico e antropológico, três adjetivos que qualificam a instituição, três pavimentos que compõem a casa.

O grande orador sacro Antônio Vieira ensina que os verbos valem pelos advérbios que os modificam e os nomes, pelos adjetivos que os qualificam. Não basta falar, mas falar corretamente. Não basta ter senso, mas bom senso. Se assim é, o Instituto identifica-se pelo desenvolvimento científico que tem proporcionado aos estudos de História, Geografia e Antropologia do Ceará.

O que me levou a apresentar minha candidatura foi o desejo de participar convosco deste esforço comum, porque, a meu ver, esta tríplice dimensão resume o estudo da civilização cearense. A inserção no tempo é feita pela história; a inserção no espaço, pela geografia; a inserção no sujeito, pela antropologia.

Primeiramente, o Instituto dedica-se à História e nesse domínio já tem realizado muito, mas ainda muito resta a fazer. A História do Ceará ainda não foi escrita. Conheço o "Plano e Programa para a sua Elaboração" propostos por Thomaz Pompeu Sobrinho, com 26 monografias previstas e apenas 8 publicadas. Quando concluída, a obra dar-nos-á uma compreensão profunda de nossa história, mas deixa ainda um longo caminho a percorrer no sentido da extensão. Refiro-me à história dos municípios.

A incidência local, singular e concreta dos estudos históricos é que fará com que se evite o perigo das visões abstratas, generalizantes e parciais. Nesse setor, tenho dedicado o melhor de meus esforços, porque entendo que a história do Ceará, como a de qualquer outra comunidade regional, é a síntese das histórias de cada parte que a compõe. É exigência do método científico indutivo, que se caminhe do particular para o geral. Evidentemente, para as monografias municipais exigir-se-á o mesmo rigor metodológico de pesquisa e fidelidade às fontes primárias e, para tanto, não possuímos recursos humanos devidamente habilitados. Por outro lado, há mister mudança de mentalidade porque, como ensina o mestre Câmara Cascudo, a história das famílias-tronco será a única forma de escrever a história do sertão, mas "os historiadores preferem fazer a monotonia das sucessões de governos e das medidas administrativas". Necessitamos de uma História que seja ciência pelo método, sabedoria pelas lições de vida e arte pela beleza da narração.

Se a história insere a realidade no tempo, a geografia a coloca no espaço. Na física moderna, o conceito de espaço-tempo, como única dimensão, deve-se à teoria da relatividade, enquanto a noção de unidade histórico-geográfica já encontramos na mente dos primeiros historiadores gregos e romanos. Heródoto, considerado pai da história, foi também o primeiro geógrafo, embora tenha sido Estrabão quem primeiro associou a história à geografia. César, por sua vez, principia sua narrativa sobre a guerra gaulesa, com uma frase geográfica: "A Gália divide-se em três partes". E, já nos tempos modernos, o francês Michelet começava seu curso sobre a In-

glaterra com esta frase famosa: "Meus senhores, a Inglaterra é uma ilha". Daí, dizia ele, tira-se a chave para a interpretação de toda a história britânica.

Hoje, um dos temas interessantes da antropogeografia, criada por Ratzel e aperfeiçoada por Vidal de la Blache, é o das mútuas relações entre os grupos humanos e o meio geográfico, tornando irmãs gêmeas as duas ciências. O historiador necessita de projetar no espaço os fatos que estuda e o geógrafo, por sua vez, precisa da perspectiva do tempo, para bem interpretar as características mutáveis que revestem a fisionomia da Terra. Não é, pois, estranho que Teilhard de Chardin tenha sugerido a existência da noosfera, camada pensante criada pelo homem e ainda em plena evolução, que rodeia nosso planeta, como uma nova atmosfera.

O estudo da antropologia, enfim, faz-se necessária, porque o homem é o sujeito da história e da geografia. Não há história sem historiador e nem geografia sem geógrafo. É o homem que dá sentido à sucessão do tempo e à ocupação do espaço terrestre.

A moderna antropologia física e cultural descobre o homem presente pelo menos desde há um milhão de anos no tempo e o vê estendido por toda a superfície da terra.

A compreensão da formação e evolução do homem exige o conhecimento dos fatores biológicos e sociais, que agem sobre ele e não podem estar separados. A antropologia, em suas várias especializações, é a única ciência que abrange todos esses aspectos e suas múltiplas inter-relações, o que lhe permite uma visão de conjunto, sinteticamente completa, sobre o homem e sobre a Terra que ele habita.

A genealogia, a que tantos confrades têm se dedicado com tão aplicado empenho, tem sua incidência científica exatamente na junção com os dados da história e da biologia.

Como o homem é um ser substancial composto de carne e espírito, pois vive e pensa, é determinado e livre, exige-se que o campo de sua compreensão complete-se com a antropologia filosófica, para poder encontrar resposta adequada a tantos enigmas e aporias que o envolvem, como produtor de cultura. Apesar de tantos esforços já realizados em contínuas pesquisas científicas, o homem continua a ser "esse desconhecido", como tão bem sentenciou Alex Carrel.

Os acirrados debates atuais sobre os dilemas: determinismo ou indeterminismo, acaso ou finalidade, cosmocentrismo ou antropocentrismo, como explicação última do mundo, revelam a magnitude do problema. A moderna física quântica estabeleceu um estrito nexo entre o físico e o psíquico, ao afirmar que não se pode fixar a posição de uma partícula nos campos de força constitutivos do átomo, sem a intervenção de um observador. O mesmo se diga da comprovação da teoria da relatividade, em que a presença de um observador é o elemento decisivo para sua validade.

O homem parece voltar a ser entronizado no centro do universo, de onde Copérnico o havia retirado. A tese do chamado "princípio antrópico" ganha hoje cada vez mais defensores entre os biólogos, apesar do sucesso da hipótese do acaso defendido por Jacques Monod, da qual ele próprio parcialmente já se retratou em publicações mais recentes. Quem a defende, assume a difícil obrigação de explicar como um simples arranjo de moléculas pode produzir, por mero acaso, a Nona Sinfonia no cérebro de Beethoven ou a Divina Comédia na imaginação de Dante.

Todas as realizações humanas, e, portanto, os fatos históricos, são um conjunto de "hápax", casos únicos irrepetíveis, inexplicáveis sem a indeterminação da liberdade.

O fenômeno humano, depois da intuição cartesiana do COGITO ERGO SUM, deu orientação antropológica a todos os problemas da idade moderna. Esta redescoberta do sentido subjetivo imerso no âmago da realidade recebe hoje o aval e o endosso das razões objetivas.

Em um fato Monod tem toda razão. Com toda probabilidade, diz ele, "a vida só se originou uma vez, pois a formação simultânea, puramente ao acaso, de duas ou mais moléculas de qualquer enzima é fantasticamente improvável". Analogamente, também na história, cada evento é irrepetível e único, pois traz a marca do sujeito, inteligente e livre, que o tece e o registra. Por isso, não pode haver história do futuro, ou futurologia científica, que não passará de imaginárias utopias sonhadoras, cujo alto preço seria a destruição da liberdade humana.

Após estas considerações, cabe aqui destacar o valor de *Os Sertões* de Euclides da Cunha que, para poder narrar a história da Campanha de Canudos, a fez preceder de um capítulo sobre a Terra e outro, sobre o Homem, unindo harmoniosamente história, ge-

ografia e antropologia. Apesar de alguns conceitos hoje cientificamente ultrapassados, ainda detém o troféu de maior livro de nossa literatura.

Senhores sócios efetivos. Porque o Instituto do Ceará tem por finalidade o estudo dessas três disciplinas, a que acima aludi, foi que resolvi candidatar-me ao preenchimento de uma de suas cadeiras, para aprender de vossa experiência a lidar com esses assuntos, que sempre foram de meu mais vivo interesse. Agradeço, portanto, a generosidade de minha eleição, que me permitirá trabalhar convosco.

Não me sinto estranho em vosso meio. Aqui encontro companheiros da Academia Cearense de Letras: Os irmãos Antônio Martins Filho, Cláudio e Fran Martins, Luís Sucupira, Florival Seraine, Mozart Soriano Aderaldo, Chico Alves, Paulo Bonavides, Manuelito Eduardo, Vinicius Barros Leal, J.C. Alencar Araripe, Abelardo Montenegro, Mauro Benevides, João Alfredo, Djacir de Menezes. Com cinco de vós convivi no Conselho de Educação do Ceará: Teixeira de Freitas, Paulo Airton, Paulo Elpídio e os já citados Cláudio Martins e Alencar Araripe.

Outros seis, direta ou indiretamente, estão ligados a Sobral e, portanto, a mim. Os irmãos Nirez e Rubens de Azevedo, cujo pai Otacílio residiu naquela cidade. Aristides Ribeiro, casado com uma sobralense. Arruda Furtado e Hélio Melo genealogicamente oriundos do Vale do Acaraú. Liberal de Castro, estudioso do patrimônio arquitetônico de minha terra.

Amigos que o coração conhece: Geraldo Nobre, Eduardo Bezerra, João Hipólito, Guarino Alves, Pedro Alberto, Fernando Saraiva Câmara, Caio Lóssio. Destinatários de meu silencioso respeito e, talvez, sem saberem, mira de meus olhos furtivos de admiração: General Tácito Teófilo, Melquíades Pinto, Nilson Holanda, Vladir Pontes, José Borges de Sales, Luís Teixeira Barros.

E para coroação final desse desfile, que minha imaginação faz passar no palco de minha gratidão, vejo a inteligência e a simpatia das duas representantes femininas, que embelezam o recinto desta casa: Zélia Camurça e Valdelice Girão.

Sinto-me também ligado ao passado deste Instituto, desde suas origens. Dos doze fundadores de 1887, dois são sobralenses: Pe. João Augusto e Vergílio de Moraes. De então para cá, não houve

mais representante de Sobral. Minha eleição põe fim nesta longa ausência. Quanto ao clero, teve apenas quatro representantes: João Augusto já citado, Rodolfo Ferreira da Cunha, Misael Gomes e Dom Antônio de Almeida Lustosa. Cabe-me preencher este outro vazio. Por vossa bondade, minha eleição transcende os meus diminutos limites pessoais. Por isso, a todos agradeço a honrosa confiança e prometo tudo fazer para merecê-la.

Não devo esquecer de que fui eleito pelo voto dos vivos, mas para preencher a vaga deixada por um morto. Na realidade, como em tudo o que envolve o homem, não há vida sem morte e nem morte sem vida. Nas instituições humanas, não se preenche uma cadeira sem um anterior preenchimento de um túmulo. Para quem alimenta o coração com a esperança cristã e com a abertura do futuro escatológico, esta carga entrópica da condição humana nada tem de tétrico, porque há uma cruz, que é aurora de ressureição, e um túmulo vazio, que é cova onde esta plantada a semente da eternidade.

Conheci de perto a fé de Itamar Espíndola e sei que tais reflexões não lhe eram estranhas. Cristão convicto, conhecedor do Evangelho e estudioso da vida dos santos, sabia ele muito bem que a fé cristã é vivência, em prolepse, das realidades imarcescíveis da pátria celeste futura. O cristão tem nas mãos a chave de abrir os arcanos da vida e da morte, os segredos do futuro, de que nos fala o livro da Revelação.

Se eu o sucedo em cadeira provisória deste Instituto, ele me antecede em trono imperecível de glória, que espero me seja também reservado na Casa do Pai. Como a vida biológica não se restringe aos momentos da concepção e do parto, assim a morte não se explica pelo último suspiro ou pela paralisação das atividades do córtex cerebral. A existência humana é bem maior do que a biologia e nossas esperanças vão muito além dos curvos horizontes do espaço-tempo, As dimensões espirituais do homem transcendem, em complexidade, os limites datados da história e a velocidade mensurável do movimento das galáxias em expansão. O estofo, que tece o microcosmo humano, parece muito mais complexo e organizado, do que as partículas velocíssimas, mas tão tênues e tão simples, que compõem a leve massa energética do Universo, que se reduz a uma simples fórmula matemática. O estofo do mundo é energia e esta nada mais é do que massa multiplicada pela veloci-

dade da luz ao quadrado. O mundo do pensamento e da cultura do homem não cabe nessa formulação. Por serem livres, as ações humanas não podem ser aprisionadas na rigidez invariável das grades de qualquer formulação.

As energias espirituais que tecem e ativam a liberdade humana, não reagem apenas contra as prisões exteriores de nossas cadeias públicas. Elas interiormente. no âmago das consciências, protestam contra todas as algemas coercitivas dos esquemas filosóficos e das fórmulas matemáticas, que pretendem limitar os infinitos desejos dé expansão e plenitude. O espírito humano não pode ser formulado e nem definido. Essa crença e essa certeza alimentaram a alma de Itamar por toda sua vida. Sobre estes temas, algumas vezes, conversamos na espera das sessões da Academia.

O historiador, como o homem humilde e enaltecido do Evangelho, só é grande quando é capaz de ressaltar a história das pequenas coisas. Itamar foi um desses homens, que sabia descobrir a grandeza do pequeno, a importância do detalhe, o valor do pormenor.

Como advogado, preferiu especializar-se em direito do inquilino, que protege o homem no pequeno espaço do aconchego de uma casa. Como taquígráfico, deixou-se seduzir pela forma de escrita, que consome o mínimo tempo e utiliza o mínimo da grafia de cada letra. Como jornalista, fugiu da prolixidade dos grandes relatos, para deleitar os muitos leitores com a graça leve e a verve simples das "vinhetas".

Como escritor, foi plural na abordagem de temas singulares. Não quis tratar do sofrimento humano, mas de simples "dores nas costas e do bico-de-papagaio". Não narrou longas biografias, mas pincelou os traços da "psicognomia e dos gestos de João Paulo II".

Não quis versar sobre os mistérios do Universo, mas sobre particularidades encontradas "no mundo dos gatos". Não redigiu nenhuma frase sobre a quase infinita gama aberta às opções da liberdade humana, mas ensinou os pais a fazer a "escolha do nome de seu filho". Não quis descrever a experiência da santidade, mas seu hagiológio restringia-se aos "advogados santos" e "três santos populares no Ceará". Não escreveu tratado de medicina profilática, mas soube ensinar que "o riso rejuvenesce" e "o fumo encurta a vida". Não publicou gramática descritiva ou generativa, mas doutri-

nou sobre "a nova reforma ortográfica" e a "questão de pronomes".

Foi escritor dos pequenos fatos, do incomum, das excentricidades, da raridade dos nomes estrambólicos. Infenso a generalizações abstratas, pesquisou filosofia nas "Lições de pára-choques"; sociologia, no trivial da "função social do motorista"; filologia, no plural de dez, que seria "dezes". Embora afeito ao particular e ao pormenor, sabia como enquadrar todos os assuntos numa cosmovisão universalista.

Percebe-se, em seus tão variados escritos, que sempre buscou inspiração no Mestre dos mestres. Aquele que enalteceu a beleza dos lírios do campo, mais bonitos do que os trajes de gala do rei Salomão. Aquele que admirou o gorjeio musical dos pássaros, a força moral das crianças, o poder germinativo da pequena semente que se transforma em grande árvore. Aquele que exaltou a riqueza dos pobres e humildes, a infinitude de cada ato de caridade, a prodigiosa capacidade nutritiva de cinco pães e dois peixes, quando doados generosamente para saciar a fome do irmão.

Minhas senhoras. Meus senhores. É hora de concluir. Meus agradecimentos finais a todos quantos me ajudaram a chegar até aqui. Não gostaria de citar nomes pessoais, para não lhes ferir a humildade, embora no meu coração os conserve como um tesouro. Pessoalmente, manifestar-lhes-ei minha gratidão. Como os amigos são cousas do coração, eu e eles sabemos a quem me refiro.

Resta-me fazer um pedido aos sócios deste Instituto. Há dois anos encontro-me no Recife, em trabalho de pesquisa, com o fim de colher dados para a publicação de dois livros sobre o Padre Ibiapina. Trata-se de coligir e ordenar os manuscritos, por ele deixados, e redigir sua biografia documentada. Tal tarefa, já em fase conclusiva, exige ainda minha presença na capital pernambucana. Essa ausência de Fortaleza, embora involuntária e temporária, impede meu comparecimento a algumas sessões ordinárias, durante o segundo semestre do corrente ano. Por isso, solicito que a presidência, com a aprovação de meus colegas, considere esse esforço de investigação histórica como de interesse também deste Instituto, para justificar minha infreqüência involuntária. E isto solicito, não em atenção a mim, mas pela importância cultural do ilustre biografado,

que Gilberto Freyre considerou a maior figura da Igreja do Brasil. Nome nacional, e agora internacional pela causa de canonização que tramita na Santa Sé, Ibiapina foi o maior educador do povo que o Brasil conheceu.

Seu primeiro biógrafo, Paulino Nogueira, um dos fundadores deste Instituto, afirmou, em artigo publicado em nossa Revista no ano de 1888, que nossa terra deve orgulhar-se "de ser o berço de um varão, que honrou a pátria e a humanidade, a história e a religião".

Meus caros amigos. Dignifica-me o pertencer a este Instituto do Ceará e honra-me a presença de todos que comparecestes a esta solenidade.